



Os Diabos do *Faustbuch* – anônimo do século XVI

The Devils of *Faustbuch* – anonymous from the 16th century

Paulo Augusto Nedel¹

Resumo: O intuito deste artigo é analisar as figuras diabólicas na *Historia del doctor Johann Faust*, também conhecido por *Faustbuch*, livro anônimo publicado na Alemanha no final do século XVI. Mefostófiles, Lúcifer, Satã e Belial são alguns dos diabos que atuam nessa primeira versão literária da história do doutor que vendeu sua alma em troca do conhecimento supremo.

Palavras-chave: Fausto, Diabo.

Abstract:

The purpose of this article is to analyze the diabolical figures in the *Historia del Doctor Johann Faust*, also known as *Faustbuch*, an anonymous book published in Germany in the late 16th century. Mefostofiles, Lucifer, Satan and Belial are some of the devils who act in this first literary version of the story of the doctor who sold his soul in exchange for supreme knowledge.

Keywords: Faust, Devil.

A história do doutor que, para ter acesso ao conhecimento absoluto, vende sua alma faz parte da cultura ocidental. A figura de Fausto pode representar tanto o afastamento total de Deus e, por consequência, a queda do homem, como também a busca por uma liberdade maior e, assim, a superação humana. De qualquer forma, ele não encontra seja sua ruína ou sua ascensão sem a ajuda de outro personagem que, em geral, tem seu papel visto de forma secundária: o Diabo. Propõem-se aqui o desagravo de analisar quem é esse ser no livro anônimo *Historia del doctor Johann Fausto, el celeberrimo mago y nigromante, de cómo se entregó al Diablo por un determinado tiempo, y de las estrañas aventuras y encantamientos que vio y practicó entre tanto, hasta recibir al fin su merecido castigo*, conhecido resumidamente como *Historia del doctor Johann Fausto* ou simplesmente *Faustbuch*. Como o Diabo é representado na obra, qual é a sua importância e o que simboliza são perguntas que se procura responder nesta exposição.

Porém, para compreender a entidade invocada, necessita-se conhecer inicialmente quem o invoca, Fausto, personagem inspirado na história de uma pessoa real:

Na Alemanha das quatro primeiras décadas do século XVI era largamente conhecido um mágico errante que atendia pelo nome de Jorge (Jörg em alemão, Georgius em latim) Faust ou Faustus; às vezes ele era mencionado simplesmente como Doutor Faust [Fausto]. Seu nascimento ocorreu possivelmente por volta de 1480, na pequena cidade de Knittlingen, no norte do Württemberg; e é provável que tenha morrido pela altura de 1540, ao que tudo indica em Staufen, outra pequena cidade do Württemberg, um pouco ao sul de Freiburg. (WATT, 1997, p. 19)

Mago, astrônomo e praticante da necromancia, Fausto teria, conforme as muitas histórias que contam a seu respeito, frequentado inclusive a corte de Francisco I,

¹ Doutorando em Estudos de Literatura na linha de pesquisa Pós-colonialismo e Identidades do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da rede municipal de Viamão – RS.

tendo-lhe prestado serviços e feito horóscopos, e até Lutero refere-se a ele em seus escritos. Sua rápida e tão elevada ascensão faz com que seu conhecimento das forças ocultas e seus poderes de previsão do futuro logo fossem associados a um pacto com o Diabo. De qualquer forma, os comentários sobre sua pessoa alastraram-se e, pouco depois de sua morte, sua história já era encenada em teatros de fantoches, tão populares na Alemanha daquele tempo.

A versão impressa mais antiga já encontrada da história foi enviada ao editor Johann Spies por um amigo seu, de quem não se tem nenhuma informação, e publicada em 1587. Em 1892, foi publicada outra versão com mais capítulos, a partir da descoberta de um original manuscrito também do século XVI, mas até então desconhecido, encontrado na Biblioteca Ducal de Wolfenbüttel. Especula-se que as duas versões tenham sido inspiradas em um modelo mais antigo do qual, no entanto, não se tem vestígios.

Se, em vida, Fausto era acusado de ser um charlatão hábil em manipular os outros, a literatura lhe reservará o papel de um homem que realmente teve acesso a um poder superior restrito aos demais graças a uma troca por sua vida e sua alma. Com a publicação de Spies, Fausto deixa de ser um personagem de apresentações populares para começar a entrar na História. É o início do mito do doutor Fausto.

O livro capta bem o pensamento do período no qual se encontra: o da Reforma Protestante. Nela, Fausto, insatisfeito com os conhecimentos adquiridos em tantos anos de estudo, decide conhecer todos os mistérios do Céu e da Terra. Para tanto, dirige-se ao bosque de Spess, nas proximidades de Wittenberg:

Y una noche, en una encrucijada de dicho bosque, trazó con una vara varios círculos concéntricos y luego, en la parte superior, otros dos, secantes del círculo más grande. Y allí invocó al Diablo entre las nueve y las diez de la noche. Rióse sin duda el Maligno maliciosamente y debió de pensar, al tiempo que mostraba el trasero a Fausto. (*HISTORIA*, 1994, p. 40)

Fingindo não querer se apresentar, o Diabo faz com que as árvores comecem a balançar a ponto de se curvarem. Vários outros diabos aparecem em volta dos círculos, fazendo muito barulho. Raios são seguidos de um grande resplendor e de música. Fausto pensa em sair dos círculos, mas fica e continua o invocando até surgir uma estrela de fogo e o "Maligno" aparecer na forma de um dragão e logo depois, converter-se em uma bola de fogo:

Conjuró, pues, esa estrella una, dos y tres veces, tras lo cual brotó un río de fuego de la altura de un hombre, que al punto volvió a menguar y dejó ver seis lucecillas, una de las cuales saltó acima arriba y otra hacia abajo hasta dibujar la figura de un hombre de fuego, que dio vueltas en torno al círculo durante un cuarto de hora. Poco después, el Espíritu diabólico adoptó la figura de un monge con hábito gris, y dirigiéndose a Fausto le preguntó qué deseaba. (*HISTORIA*, 1994, p. 42)

Nesse trecho, ficam visíveis algumas caracterizações bem típicas dos modos como o Diabo era apresentado naquela época. Em primeiro lugar, o local da invocação: uma encruzilhada, local que ficou, para a posteridade, relacionado como ideal para a invocação e o pacto com o Diabo.

Outro detalhe importante é a posição em que o Diabo aparece, mostrando "el trasero". Era comum, no século XVI, a crença de que o Diabo possuía duas faces, sendo a segunda no traseiro, onde seus súditos o beijavam em sinal de submissão. Conforme Nogueira:

Freqüentemente o Demônio possui uma segunda face, no abdômen ou no traseiro, e as confissões de vários acusados de adoração ao Diabo relatam que ele possui uma face no ânus,

que eles beijam em homenagem. Mais uma das muitas inversões demoníacas, essa segunda face representaria o deslocamento do centro da inteligência e atenção, nos anjos caídos, da cabeça para os órgãos inferiores. (NOGUEIRA, 1986, p. 55-56)

Em seguida, o Diabo se mostra para o doutor Fausto em forma de Dragão, para, mais tarde, adotar a figura de um monge. Em *Apocalipse* 12: 7-9, último livro da *Bíblia*, o Dragão é referido diretamente como sendo o próprio Satanás:

Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles. Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos.

A figura do Dragão entrou na religião judaica, e posteriormente no cristianismo, através das muitas relações com outras religiões da antiguidade, em especial com a mitologia babilônica e egípcia. Na Babilônia, o Dragão simbolizava "o caos primordial, e não a ação do Mal no mundo após a criação, com a qual será assimilado na literatura hebraica pós-testamentária" (NOGUEIRA, 1986, p. 10). Já nos mitos egípcios, a Serpente (ou Dragão) Apófis era o maior inimigo do deus do Sol, Rá: "Em consequência da evolução religiosa, Apófis acabou sendo identificado com o deus Set, o adversário mais temível de Rá, mas transmutado também paulatinamente em símbolo das forças hostis da revolta contra os deuses do céu" (DATTLE, 1977, p. 78).

Segundo Sampaio, o tempo no Cativeiro da Babilônia introduziu no judaísmo "a noção de Zoroastro, da eterna luta entre duas divindades, personificando dois princípios diretores do Universo, um do Bem e outro do Mal" (SAMPAIO, 1976, p. 37). Devido ao caráter monoteísta da religião ainda em formação, era impossível a existência de um deus antagônico, sendo assim, necessária a criação de inimigos para o Deus único Javé. Isso fez com que algumas divindades estrangeiras penetrassem no Judaísmo um pouco disfarçadas, onde "acabam se transformando em seres satânicos, no sentido de se oporem a Javé, de não reconhecerem Javé. Finalmente serão transformados em demônios ou diabos e acabarão por povoar o inferno" (*idem*).

A questão da tradução de certos termos ajudou também na criação de algumas associações: "O grego *drákôn* é simples sinônimo de *óphis*, serpente, cobra" (DATTLE, 1977, p.47). Daí a relação entre o Diabo e esse tipo de animal, em especial no *Gênesis*, primeiro livro bíblico, no qual uma serpente leva Eva ao pecado, e no *Apocalipse*, quando surge um novo personagem, o Anticristo:

O Anticristo era a contrapartida maligna do Cristo. Este era todo bondade e luz — o Salvador; o outro, todo maldade e escuridão — o Destruidor. Um nascido de uma virgem; o outro de uma prostituta. Os autores cristãos não tinham uma visão coerente da relação entre o Anticristo e o Demônio. Algumas vezes ele era o próprio Demônio ou um aspecto dele; em outros textos, um ser humano possuído pelo Diabo; ou ainda poderia ser o filho de Satã. Ele seria o líder na Terra dos exércitos infernais na batalha final, em sua majestosa forma terrena de um poderoso rei, assumindo com o triunfo de Deus a sua forma verdadeira e sobrenatural, a de um monstruoso dragão alado. (NOGUEIRA, 1986, p. 66-67)

Também a aparição do Diabo como monge ou padre é típica do pensamento da época. Isso se dá porque, até um certo momento, o Diabo era apenas um anjo caído, sem importância, associado a pequenas travessuras. Todavia, no século XIII, Tomás de Aquino decreta a necessidade de se acreditar em sua existência: "A fé verdadeiramente católica determina que os demônios existem e que podem causar

dano mediante suas operações e impedir a cópula carnal (*Quodlibet.*, XI, 10)" (AQUINO, apud NOGUEIRA, 1986, p. 45).

Começa a ser atribuída uma infinidade de poderes ao Diabo. Ele pode tudo, e como pode se disfarçar de qualquer coisa, o que poderia ser mais perigoso (para os outros) e também mais seguro (para ele) do que se mostrar como padre ou monge? Ainda segundo Tomás de Aquino:

O Diabo pode estar em qualquer coisa ou em qualquer pessoa. Portanto, tudo é suspeito e perigoso, uma vez que Satã e os seus demônios são os mestres do disfarce. Pois seria desastroso se aparecessem sempre aos homens como são na realidade. (*idem*, p. 53-54) (...) O Demônio pode aparecer como um homem galante, ou como uma bela mulher, incitando os mortais à luxúria; ou tentando agarrar o imprudente sob a forma de um padre, um mercador ou um de seus vizinhos. (*idem*, p. 55)

Ao final do encontro, Fausto pede-lhe que vá à sua casa no dia seguinte ao meio-dia, ao que o Diabo inicialmente se nega, porém acaba por ceder quando o doutor pede que atenda seu desejo em nome de seu amo e senhor. No próximo encontro, Fausto estipula três ordens que o Diabo deve lhe obedecer, mas ele novamente se nega, alegando "que él sólo tenía poder absoluto en la medida en que se lo concediera su amo, que reinava por encima de él", o "dios infernal" (*HISTORIA*, 1994, p. 43). Fausto questiona se ele não tem poder suficiente e ouve a primeira explicação sobre a hierarquia do inferno e seu senhor:

Has de saber, Fausto - dijo el Espíritu que entre nosotros existe el mismo gobierno y regimiento que en la Tierra, pues tenemos nuestros gobernantes y regentes, así como nuestros servidores, y yo soy uno de éstos. Y llamamos Legión a nuestro reino. Pues aunque Lucifer, el ángel rebelde, provocara su propia caída con su soberbia e insolencia, organizó una legión y un gobierno de muchos diablos y le llamamos el Príncipe del Oriente, pues tiene su señorío en Levante. También hay otros señoríos en el Mediodía, Septentrión y Poniente. Y como Lucifer, el ángel caído, ejerce su principado y soberanía bajo el Cielo, nosotros tenemos que transformarnos, ir adonde están los hombres y someterlos a ellos. Pues el hombre, con todo su poderío y sus artes, no podría sojuzgar a Lucifer, sino que éste ha de enviarle un Espíritu, como me ha enviado a mí. Cierto es que jamás hemos revelado al hombre los verdaderos fundamentos de nuestras moradas ni de nuestro gobierno y regimiento, excepto tras la muerte de un condenado, que entonces lo conoce y siente todo. (*HISTORIA*, 1994, p. 44)

"Legião, é meu nome, porque somos muitos" é o que o homem endemoniado responde a Jesus quando questionando, antes dos espíritos serem expulsos de seu corpo para a vara de porcos no *Evangelho segundo Marcos* 5:9. O mesmo acontece no *Evangelho segundo Lucas* 8:30, com a diferença de o possesso apenas dizer o nome Legião, e a explicação "Porque eram muitos os demônios que nele se ocultavam" ser fornecida pelo narrador. No *Evangelho segundo Mateus* 8:28-34, são dois possessos, mas não há comentário algum sobre nomes. Andres Chouraquei analisando a passagem citada em sua tradução e estudo dos Evangelhos, chama a atenção para o nome que o possuído pelos demônios declara a Jesus, Legião, conferindo-lhe um caráter político naquele contexto histórico:

Ao escutá-la, os ouvintes de Iéshoua' não podiam deixar de pensar senão na Décima Legião romana, sediada em Damasco e encarregada de manter a ordem naquela região, de fazer respeitar a *pax romana*, que era, para os hebreus, como para todos os povos que não obedeciam cegamente às ordens do império, a paz dos cemitérios. Aquela legião contava com 6.000 homens que eram enviados logo que surgiam as menores perturbações. Os legionários eram detestados, como o são todos os soldados de um exército de ocupação, por causa de sua brutalidade e da arbitrariedade de suas medidas. (CHOURAQUI, 1996, p. 94)

Se, à época da produção dos Evangelhos, houve uma intenção subliminar de passar uma mensagem, dando ao grupo de diabos que possuíam o corpo do homem o nome de Legião, associando-o ao exército romano, esse sentido em muito se perdeu e o nome passou a significar um conjunto de demônios e, no caso do livro em análise, Mefostófiles o apresenta como o nome do próprio reino onde habitam.

Além disso, na anterior citação do *Faustbuch*, Mefostófiles refere-se pela primeira vez a Lúcifer, chamando-o de Príncipe do Oriente, e afirmando que, após sua queda, teria organizado esse reino. Nota-se que a queda é explicada pela soberba e insolência do anjo rebelde, o que é um comentário estranho vindo de outro diabo, mas que deixa claro o intuito moralizante do livro: até os diabos sabem que a queda é o resultado da inveja de seu senhor e, portanto, um castigo merecido.

Voltando à história, o Espírito avisa ao doutor que, por tê-lo invocado, sua alma está desde já condenada. Com o susto da notícia, Fausto manda que ele se retire, mas arrepende-se e pede que retorne durante a tarde, à hora das vésperas. Nessa nova visita, tanto o invocante como o invocado apresentam suas cláusulas do pacto: Fausto teria tudo quanto quisesse, "A cambio, el Espiritu concedería a Fausto un plazo de varios años, al término de los cuales vendría a llevárselo" (*HISTORIA*, 1994, p. 47).

Fausto o despede novamente, solicitando que retornasse no dia seguinte e, a partir daquele momento, sempre vestindo o hábito de monge franciscano. A escolha desse disfarce se dá para que Mefostófiles não chame a atenção, mas não deixa de ser também uma ironia, colocando o Diabo como padre católico. A obra tem um forte tom anti-clerical, o que fica declarado quando, numa passagem, Fausto e Mefostófiles vão a Roma conhecer o palácio papal, e observam seu estilo de vida que é totalmente criticado pelo narrador.

Por último, antes de sua partida ainda no segundo encontro, o doutor pergunta seu nome, que já havia sido anunciado no título do capítulo anterior, mas que Fausto ainda desconhecia, ao que teve como resposta Mefostófiles. Uma nota explicativa no livro chama a atenção para o fato de que *Mephostofiles* seria uma forma antiga para o nome Mefistófiles, mais utilizado posteriormente, e que derivaria de três palavras gregas, significando "el que no ama a luz" (*HISTORIA*, 1994, p. 206). Watt, em sua análise do mito de Fausto, refere-se a essa inovação realizada pelo autor anônimo:

Fato essencial foi a invenção de Mefistófeles. Invocar espíritos implicava salmodiar toda uma fieira de sonoros nomes extraterrenos, mas antes do *Faustbuch* os membros da grande família do Diabo só raramente se apresentavam com características próprias bem definidas, e às vezes nem chegavam a ser nomeados. No caso de Mefistófeles, o próprio nome parece ter sido uma criação nova em sua época. (...) As melhores hipóteses são talvez as dos que atribuem a essa palavra de origem grega o significado de "inimigo da luz"; em grego mesmo isso seria escrito *mefotófiles*, ou *Me to fós files*, "a luz não é amiga". (WATT, 1997, p. 38)

O texto, como se vê, apresenta uma enorme carga moralizante, que não permite margens para arrependimentos. Conforme o narrador, logo a seguir à apresentação do nome do Diabo com quem Fausto está tratando de seu pacto:

Y en ese mismo instante aquel hombre impío se apartó de su Dios y Hacedor, que lo había creado, y pasó a ser miembro de la legión infernal. Esa caída no tuvo otra causa que su soberbia, desesperación, temeridad y atrevimiento, tal como les ocurrió a los gigantes, de quienes cuentan los poetas que amontonaron montañas para hacerle la guerra a Dios, y tal como le ocurrió también al Ángel maligno, al que Dios expulsó por haberse rebelado contra Él, movido de su soberbia y presunción. Pues de gran subida, gran caída. (*HISTORIA*, 1994, p. 48)

Como o pacto deve ser firmado com sangue, Fausto fura uma veia de sua mão esquerda, "y dicen de buena fuente que en esa mano apareció grabada com letras de sangre la siguiente inscripción: *O homo fuge!*" (...) (*HISTORIA*, 1994, p. 49). O doutor,

mesmo com esse derradeiro sinal, escreve o documento, comprometendo-se a entregar seu corpo e sua alma ao final do prazo de vinte e quatro anos. Nesse momento, Mefostófiles manifesta a Fausto seus poderes diabólicos de diversas formas, como um "hombre incandescente del cual salían ríos y rayos de fuego" (*HISTORIA*, 1994, p. 53), cachorros que perseguiram e mataram um servo do doutor, um leão e um dragão que "se asemejava a una enorme serpiente" com "vientre amarillo, blanco e moteado, alas y parte superior del cuerpo negras, la mitad de la cola enroscada como la concha de un caracol, que llenaba todo el salón" (*HISTORIA*, 1994, p. 53-54), um pavão real e sua fêmea brigando, um grande e velho macaco, entre outras maravilhas fantásticas que deslumbraram o doutor, levando-o, ao final da demonstração de encantamentos, a prontamente entregar o contrato do pacto assinado com seu sangue e receber de Mefostófiles uma cópia.

A partir de então, Fausto, conforme explica o narrador, afastou-se de Deus e começou a viver como um diabo, hospedando Mefostófiles em sua casa. Esse, por sua vez, realizava todos os desejos do doutor, trazendo-lhe os melhores vinhos, refeições e roupas, tão logo solicitados. Um dia, porém, Fausto decidiu se casar. Mefostófiles avisa que não pode, uma vez que o matrimônio é um sacramento de Deus. Crente de seu poder, Fausto desafia Mefostófiles, insistindo que sua vontade deve se realizar. Isso causa um vento tempestuoso no recinto, seguido das portas sendo arrebatadas e a casa parecendo arder em fogo, levando-o a tentar fugir, descendo as escadas:

(...) mas fue empuñado por un hombre que volvió a lanzarlo hacia su aposento, impidiéndole mover manos y pies. Brotaba el fuego por doquir en torno a él, como queriendo devorarlo. Él invocó entonces a su Espíritu pidiendo auxilio y declarándose dispuesto a vivir en todo según sus deseos, consejos y ejemplos. Y de pronto se le apareció el Diablo en persona, aunque bajo una forma tan horrenda y repugnante que Fausto no pudo mirarlo. (*HISTORIA*, 1994, p. 59)

Esse diabo, poucas linhas depois, é apresentado pelo narrador como "Satán", a quem Fausto pede perdão e de quem ouve que as coisas devem se manter conforme o combinado. Com seu desaparecimento súbito, Mefostófiles sugere a Fausto que lhe trará, a cada noite, uma mulher de sua escolha para que possa "satisfacer tus impúdicos deseos", o que muito agradou ao doutor, fazendo-o esquecer a ideia de casar. O texto dá a entender que Mefostófiles lhe trazia toda noite, na verdade, íncubos, conforme dois comentários do narrador: (...) "de suerte que si un día fornicaba con algún demonio, al siguiente tenía ya otro en mente" (*HISTORIA*, 1994, p. 60); (...) "el doctor Fausto hubo fornicado con el Demonio de forma vergonzosa y abominable" (...) (*HISTORIA*, 1994, p. 61).

Passa-se a uma série de capítulos em que o doutor faz perguntas que Mefostófiles, cumprindo um dos artigos do pacto, é obrigado a responder. A primeira dúvida refere-se a como foi a queda de Lúcifer, ao que o Diabo responde:

Señor, mi amo Lúcifer era un ángel bello creado por Dios, una creatura destinada a la felicidad suprema, y por él sé que los dichos ángeles se denominan Jerarquías, y que éstas eran tres: Serafines, Querubines y Tronos. Los primeros, príncipes angélicos, tienen por misión gobernar a los ángeles, los segundos mantienen , gobiernan o protegen a los hombres, y los terceros defienden y ponen en guardia contra nuestros poderes demoníacos, y son llamados Principados e Potestades. También se les llama Mensajeros de grandes prodigios, Anunciadores de grandes cosas y Ángeles de la solicitud, Guardianes de los hombres. Y Lucifer también era uno de los arcángeles bellos, y su nombre era Rafael, y los otros dos eran Gabriel e Miguel. Tal es la breve relación que puedo darte. (*HISTORIA*, 1994, p. 61-62)

Nessa obra, Lúcifer é o nome posterior à queda e o anterior era Rafael. Diferente de uma tradição posterior, na qual se apoiará Milton ao escrever *O Paraíso Perdido*, no qual Lúcifer será o nome até a queda e Satã após. Interessa lembrar que Lúcifer

não aparece na Bíblia e a história de sua rebeldia e expulsão dos céus está registrada no apócrifo *Livro de Enoque*, que não foi incluído no cânone bíblico. Já Satanás aparece no *Livro de Jó* e nos Evangelhos e seu nome é citado em outros livros.

Retornando ao *Faustbuch*, a seguir, perguntado sobre como era o Inferno, Mefostófiles responde que, com a queda de seu amo, "estuvo el Infierno listo para recibirlo, y que allí no hay sino tinieblas entre las que Lucifer, atado con cadenas, expulsado e proscrito, espera ser llamado a juicio, que no hay allí sino niebla, fuego, azufre, pez y otras hediondecas" (*HISTORIA*, 1994, p. 63).

A natureza e a origem do Inferno, contudo, nem os Diabos sabem, pois foi criado por Deus e não tem fundo nem limites. Dando prosseguimento às perguntas, Fausto indaga sobre a hierarquia infernal e ouve de Mefostófiles que há, no Inferno, "diez señorios y reinos - entre ellos seis muy poderosos" (p. 63), nomeados, respectivamente, *Lacus Mortis*, *Stagnum ignis*, *Terra tenebrosa*, *Tartarus*, *Terra oblivionis*, *Gehenna*, *Herebus*, *Barathrum*, *Stix*, *Acheron*, para depois concluir: "Allí gobiernan los demonios, llamados Flegetón. Y entre ellos hay cuatro reinos gobernados por Lucifer en Oriente, Belcebú en Septentrión, Belial al Mediodía y Astarot en Occidente. Y este reinado y disposición permanecerán hasta el Juicio de Dios" (*HISTORIA*, 1994, p. 63-64).

Interessa destacar que, nesta obra, até o Diabo está aguardando o dia do Juízo final para ser julgado. Essa posição moralizante não passa despercebida ao leitor, tamanha a insistência com que os comentários de Mefostófiles destacam a beleza de Lúcifer antes da queda e sua posterior arrogância, assim como outros predicativos que ressaltam a diferença entre o mundo celeste e o infernal, de modo que certamente se notará na resposta ao questionamento do doutor sobre a aparência dos anjos caídos:

Mi amo Lucifer, así llamado ahora por haber sido expulsado del reino de la luz celestial, también fue antes un ángel de Dios, un Querubín, y vio todas las obras y criaturas de Dios en el Cielo; y eran tales su hermosura, prestancia, rango, autoridad, dignidad y esplendor que descollaba sobre todas las demás criaturas divinas y por encima del oro y las piedras preciosas, y alumbrábalo Dios de tal manera que eclipsaba el fulgor del sol y las estrellas. Y en cuanto lo hubo creado, púsolo en lo alto del monte de Dios y encomendóle el gobierno de un principado, pues era perfecto en todo orden de cosas. Mas cuando espoleado por su soberbia y presunción quiso rebelarse en Oriente, fue destronado y arrojado por Dios de la morada celestial al fuego que jamás se extinguirá y antes bien arderá eternamente. Ornábanle las coronas de todo el celestial boato. Y como a sabiendas y temerariamente alzóse contra Dios, Dios se sentó en su trono de justicia y lo juzgó y condenó en seguida al infierno, de donde no podrá escapar por toda la eternidad. (*HISTORIA*, 1994, p. 66-67)

Já se observou que Mefostófiles atribui a Lúcifer esse nome apenas após sua queda, sendo anteriormente a isso chamado Rafael. Contudo, como também já se pode ver, quando o próprio apareceu a Fausto, ele foi denominado "Satán" pelo narrador. Mefostófiles também utiliza esse nome para seu amo em uma passagem na qual responde outro dos muitos questionamentos de Fausto:

Has de saber, no obstante, que en cuanto fue expulsado, el Ángel caído pasó a ser enemigo de Dios y de todos los hombres (...). También resulta evidente que cuando el primer hombre fue creado por Dios como un ser perfecto, el Diablo le tuvo envidia y empezó a acecharlo, haciendo caer en el pecado y privando de la gracia de Dios a Adán y Eva con toda su descendencia. Tales son, querido Fausto, los ataques y la tiranía de Satanás. (...) (*HISTORIA*, 1994, p. 69)

Assim, presume-se que, para o escritor anônimo, Lúcifer e Satã (ou Satanás) são dois nomes para o mesmo Diabo. Todavia, continuando no mesmo parágrafo, Mefostófiles destaca a diferença de outros demônios (antigos deuses adorados por

outros povos citados na *Bíblia*), cujos nomes muitas vezes também acabam sendo atribuídos indiscriminadamente a Lúcifer, mas aqui são outros diabos:

(...) Y a otro espíritu llamado Asmodeo, que mató a siete hombres en estado de impureza. Y al espíritu Dagón, por el que hubo gran mortandad y perecieron treinta mil hombres y fue tomada el arca de Dios. Y a Belial, que hostigó el corazón de Davi para que censara a su pueblo, provocando la muerte de sesenta mil hombres. (...) (*HISTORIA*, 1994, p. 70)

Em outro momento da história, no entanto, vários diabos aparecem na casa do doutor. A extensa citação se faz necessária para que se veja que todos são diabos distintos e se possa observar a caracterização dada pelo escritor anônimo para cada um:

El príncipe y verdadero maestro del doctor Fausto llegó un día a su casa a visitarlo, y éste se asustó no poco ante su aspecto. Pues aunque era verano, emanaba del Diablo un viento tan frío que ele doctor Fausto creyó que se helaría. Y el Diablo, que se llamaba Belial, le dijo:

- Doctor Fausto, al filo de la medianoche, cuando te despertaste, lei tus pensamientos y vi que te gustaría conocer a algunos de los principales espíritus infernales, por lo cual he venido con mis principales consejeros y servidores a fin de que puedas conocerlos según tu deseo. (...)

Y el propio Belial se le apareció al doctor Fausto bajo la forma de un oso peludo y negro como carbón, con las orejas muy tiesas sobre la cabeza. Y el hocico y las orejas eran de un rojo encendido, y tenía unos dientes enormes y blancos como la nieve y una cola de tres varas de largo, más o menos. Y en su cuello agitábase tres alas. Y así fuerno desfilando uno tras otro los espíritus por el aposento del doctor Fausto, que no hubieran poder estar allí todos juntos; y Belial se los iba mostrando uno a uno y le decía quiénes eran y cómo se llamaban. Primero entraron siete espíritus principales, a saber: Lucifer, el verdadero amo del doctor Fausto, al cual se había entregado en cuerpo y alma, bajo la forma de un hombre alto, peludo e velloso, de un color como el de las ardillas rojas y con la cola enroscada sobre si misma como las ardillas. Luego entró Belcebú, que tenía el pelo color carne y una cabeza de buey con dos orejas espantables, y era también peludo y velloso, con dos grandes alas tan punzantes como los cardos del campo, medio verdes y medio amarillas, y de las alas salían chorros de fuego, y tenía un rabo de vaca. Astarot entró en forma sw una serpiente que avanzaba erguida sobre su cola, pues no tenía patas, y el color de la cola era como el de una culebra ciega; su vientre era enorme, y en la parte superior tenía dos patas muy cortas de color amarillo; el vientre era algo blancuzco y amarillento, y el lomo, castaño, recubierto de cerdas y púas de un dedo de largo, como un erizo. Después entró Satanás, todo blanco y gris, peludo, con cabeza de asno y, sin embargo, cola de gato y garras de una vara de largo. Anubis, el siguiente, tenía una cabeza de perro blanca y negra, la parte negra jaspeada de blanco, y la blanca, de negro, tenía asimismo patas y un par de orejas caídas, como un perro, y media cuatro varas de largo. Tras éste entró Dythicanus, también de una vara de largo y figura de pájaro, una perdiz, pero con el cuello verde y sombreado. El último en entrar fue Drachus, con cuatro patas cortas, verde e amarillo, la parte superior del cuerpo oscura, como una llama azul, y la cola rojiza. Esos siete, junto con Belial, su guía, que era el octavo, iban vestidos con los colores susodichos. (*HISTORIA*, 1994, p. 92-94)

Da leitura da longa citação, entende-se que Lúcifer, Satanás, Belial e todos os outros referenciados, num total de oito, são personagens distintos, apesar da contradição com o título do capítulo, denominado "De cómo le fuerno presentados al doctor Fausto todos los espíritus infernales en su verdadero aspecto, y los siete principales fueron llamados por su nombres" (*HISTORIA*, 1994, p. 92). Estranha-se que tanto Belial como Lúcifer são chamados de "verdadero" mestre e amo, respectivamente, de Fausto, assim como as passagens anteriores em que os nomes Satanás e Lúcifer apareciam aleatoriamente para designar a mesma criatura. Ainda deixando dúvidas, um bom tempo depois, no oitavo ano após o pacto, Fausto faz mais uma solicitação: "Por ello pidió a su servidor, el espíritu Mefostófiles, que invocara e hiciera venir a su amo, Belial o Lucifer. Enviáronle, sin embargo, a un diablo que bajo el cielo se llamaba Belcebú" (...) (*HISTORIA*, 1994, p. 96). Interessa também entender a forma como os diabos são apresentados: todos são exageradamente feios e suas

formas assemelhadas a características animais. A ideia é realmente causar no leitor medo e total aversão ao Diabo, da mesma forma que as pinturas e outras obras de arte também o faziam naquela época.

Com o tempo, entretanto, aproximando-se do fim do prazo de vinte e quatro anos, Fausto começa a se arrepender, mas não adianta. Ocorre então, por insistência de Mefostófiles uma confirmação do pacto, também escrita com sangue pelo doutor. Fausto, inclusive, tem noção de que está sendo enganado pelo Diabo, sendo recorrente no livro a ideia de que ele ludibria os homens: "Muchas promesas le había hecho su espíriyu, mas eran en gran parte falsas, pues el Diablo es un espíritu mentiroso" (*HISTORIA*, 1994, p. 139). O arrependimento aqui tem uma finalidade apenas exemplar, pois o fim do doutor já está decretado, independente de qualquer coisa.

Assim, o final não poderia ser outro: quando acaba o prazo estipulado no pacto — vinte e quatro anos — Mefostófiles aparece novamente a Fausto para lembrá-lo disso. Ele se desespera, mas não adianta. Em sua última noite de vida, reúne alguns estudantes e conta para eles sua história, confessa seu crime e se diz arrependido, dando o exemplo de que o conhecimento dos mais velhos e que já viveram deve ser transmitido para se evitar que as novas gerações incorram no mesmo equívoco:

(...) muero como buen y como mal cristiano: como bueno, porque siento un sincero arrepentimiento y en mi corazón no dejo de rogar por la salvación de mi alma; como malo, porque sé que el Diablo quiere llevarse mi cuerpo y yo estoy dispuesto a entregárselo siempre que deje en paz a mi alma. Y ahora os ruego que vayáis a acostaros y os deseo una buena noche, que para mi será más bien enojosa, espantable y mala. (*HISTORIA*, 1994, p. 199)

E Fausto tem razão, sua noite será como diz, pois, nessa obra, não há salvação para quem cometeu pecados como os seus. A morte não é narrada, mas sim quando encontram seu corpo, com todos os membros quebrados e o cérebro ainda escorrendo pela parede na qual o Diabo pressionou sua cabeça para esmagá-la. A morte do doutor é terrível para justamente assustar ao máximo.

Nem mesmo seu arrependimento pode o salvar de uma morte horrível nas mãos do Diabo. Numa época de forte influência da Igreja, é exatamente isso que o anônimo autor quer mostrar: o que acontece àqueles que, assim como Fausto, afastam-se do caminho de Deus e unem-se a seu Inimigo, para servir "de ejemplo y escarmiento a todos los cristianos" (*HISTORIA*, 1994, p. 25). Esse exemplo é transmitido pela história de sua vida - do pacto em diante - que Fausto redige e deixa escondido em sua casa. Após sua morte o manuscrito teria sido encontrado, acrescentado o final trágico pelo autor anônimo e enviado a Spies.

Embora se apresente como uma autêntica biografia, o *Faustbuch* é quase inteiramente ficcional; mas muito pouco dessa ficção foi de fato inventada pelo seu anônimo autor. Quase tudo já se achava esboçado nas fontes mais antigas, representadas por uma grande quantidade de obras que atribuíam ações e opiniões ao homem cuja vida foi sucessivamente reinterpretada através de um longo processo de natureza coletivo, na primeira metade do seu século, e rearranjada de acordo com as preocupações luteranas em relação à bruxaria e ao Diabo. De outro lado, o simples processo de escrever uma longa e pretensamente autêntica biografia levou o autor aos dois componentes essenciais que o mito adquiriu em seu desenvolvimento: o Fausto e o Diabo elevados à condição de personagens. (WATT, 1997, p. 38)

No *Faustbuch*, o Diabo representa exclusivamente o mal. Ele é sempre a inversão total da ideia do bem, que é Deus. Por isso, sua aparência é horrível; rouba para Fausto comer, beber e se vestir, traz mulheres ou demônios e até Helena de Troia para satisfazer o doutor, afastando a ideia do sacramento do matrimônio; engana a Fausto sempre que pode e não permite que ele se arrependa do pacto. Mesmo não

parecendo aos olhos modernos um Diabo tão ruim durante a leitura, se terá o final trágico com a morte de Fausto dando a entender que ele dissimulou sua verdadeira natureza durante todo o tempo que ficou servindo ao doutor.

A noção que se queria transmitir ao leitor da época é clara: o desvio do caminho de Deus leva inevitavelmente à perdição e não há perdão para quem cometer esse pecado. Séculos depois, quando Goethe escrever sua versão da história do doutor, ele se arrependerá e será perdoado. Contudo, no século XVI não. E essa lição é salientada a cada instante: uma ligação com o Diabo não significa apenas o fim do homem, mas um fim terrível e sem volta.

Bibliografia

- BÍBLIA SAGRADA.** Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. Revista pelo Frei José Pedreira de Castro. São Paulo, Ed. Ave Maria, 62ª ed., 1988.
- CHOURAQUI, André. **A Bíblia 9. Marcos (O Evangelho Segundo Marcos).** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- COUSTÉ, Alberto. **Biografia do Diabo: o Diabo como a sombra de Deus na história.** Rio de Janeiro. Ed. Record: Rosa dos Tempos. 1996.
- DATTLER, Frederico. **O mistério de Satanás — Diabo e Inferno na Bíblia e na literatura universal.** São Paulo. Ed. Paulinas. 4 997.
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Fausto.** Tradução de Jenni Klabin Segall. Belo Horizonte. Vila Rica. 1991.
- Historia del doctor Johann Fausto.** Madrid. Siruela. 1994.
- NOGUEIRA, Carlos Robert F. **O Diabo no imaginário cristão.** São Paulo. Ed. Ática. Série Princípios, nº 101. 1986.
- SAMPAIO, Fernando G. **A história do Demônio (da antiguidade aos nossos dias).** Porto Alegre. Ed. Garatuja. 1976.
- WATT, Ian. De Jorge Faust ao Faustbuch e O Doutor Fausto de Thomas Mann. In: **Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe .** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Aceito em 15/11/2016